

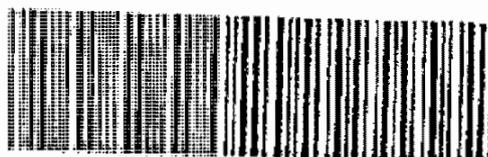
Coleção Teoria e História 6

USP-FAU
301.01
T384C

MONOGRAFIAS

CRÍTICA METODOLÓGICA, INVESTIGAÇÃO SOCIAL E ENQUETE OPERÁRIA

00025888



Michel J. M. Thiollent

Carla

chris

**CRÍTICA
METODOLÓGICA,
INVESTIGAÇÃO SOCIAL
& ENQUETE OPERÁRIA**

Com Textos Metodológicos de Pierre BOURDIEU,
Liliane KANDEL, Guy MICHELAT, Jacques MAÏTRE,
Raniero PANZIERI e Dario LANZARDO.

3ª edição



editora polis
1982



25888

Sobre a Utilização da Entrevista Não-Diretiva em Sociologia

Guy Michelat

"O importante é que a exploração do 'conteúdo latente' acarreta aqui adiante uma rosácea de significações tendendo a valer em vários planos ao mesmo tempo que a valer para todos..."

André BRETON
Anthologie de l'humour noir

Propomo-nos, neste artigo, a formular certas observações sobre a utilização da entrevista não-diretiva como método de análise dos fenômenos sociais e não a expor as técnicas de entrevista não-diretiva de pesquisa,¹ nem propor uma técnica original de análise dessas entrevistas.² Estas observações originaram-se simultaneamente do ensino

(1) Este artigo retoma uma exposição que fizemos no quadro das *Journées de la Société Française de Psychologie* (outubro de 1972), onde a Secção de Psicologia Social propusera como tema: "A análise de entrevistas não-diretivas no domínio político". Eric Landowski expunha igualmente aí a abordagem semiológica desse tipo de entrevista.

(2) Lembremos apenas que, na entrevista não-diretiva, procura-se fazer com que a pessoa entrevistada assuma o papel de exploração habitualmente detido pelo entrevistador; este último então não desempenha mais do que um papel de facilitação e de apoio. Parte-se assim da idéia de que a pessoa interrogada é a mais apta a explorar o campo do problema que-lhe é colocado, em função do que ela pensa e sente. Isto deve corresponder a uma aceitação real, pelo entrevistador, da pessoa interrogada tal como ela é. Vêem-se aqui certas semelhanças com a entrevista de aconselhamento psicoterápico de Carl Rogers. Não analisaremos mais detalhadamente as semelhanças e as diferenças entre esses dois tipos de entrevista (cf. ROGERS, C., "The Non-Directive Method as a Technique for Social Research", in *American Journal of Sociology*, 50 (4), jan. 1945, p. 279-89; PAGÈS, M., *L'orientation non directive en psychothérapie et en psychologie sociale*, Paris, Dunod, 1965; LEGRAS, D., "Quelques contributions à la méthodologie de l'entretien non-directif d'enquête", in *Bulletin du C.E.R.P.*, 20 (2), 1971, p. 131-41).

desse métodos e de sua utilização, que praticamos há mais de uma dezena de anos, em colaboração com Monique e Raymond Fichelet e com Michel Simon.³ Digamos, em primeiro lugar, que a entrevista não-diretiva é para nós um método entre outros e que ela não pode substituir alguns deles, dos quais é complementar. Sua contribuição parece-nos essencial todas as vezes que se procura apreender e prestar contas dos sistemas de valores, de normas, de representações, de símbolos próprios a uma cultura ou a uma subcultura. Isto quer dizer que, aqui, em particular, a psicossociologia não deixa de ter relação com os domínios próprios a outras disciplinas. Deste ponto de vista, pode-se considerar que nosso objetivo se aproxima do objetivo do etnólogo. De um outro modo, Henri Raymond, examinando nesta revista estes mesmos métodos, chama de *ideologias* aos "conjuntos organizados de representações" que este tipo de entrevista pretende atingir.⁴ Acrescentemos enfim que, para nós, esses sistemas culturais são igualmente fruto da história.

O recurso à entrevista não-diretiva, por oposição à entrevista dirigida, tem o objetivo de contornar certos cerceamentos das entrevistas por questionário com perguntas fechadas que representam o pólo extremo da diretividade. Com efeito, numa entrevista por questionário, existe estruturação completa do campo proposto ao entrevistado, este só pode responder as perguntas que lhe são propostas nos termos formulados pelo pesquisador e enunciados pelo entrevistador que detém o monopólio da exploração quando não o da inquisição. Disseram frequentemente, e com razão, que o perigo é de que seja grande o afastamento entre a significação que o pesquisador dá às perguntas que faz e às respostas que propõe e a que lhe darão as pessoas entrevistadas.

Observemos, entretanto, que a entrevista de pesquisa não pode ser realmente não-diretiva, no sentido estrito, se mais não fosse porque é o entrevistador que pede ao entrevistado para falar sobre um tema escolhido pelo responsável pela pesquisa, enquanto na entrevista rogeriana é o paciente que escolhe procurar o psicoterapeuta e que escolhe aquilo sobre que vai falar.

(3) Um exemplo do tipo de tratamento e dos resultados aos quais chegamos pode ser fornecido por nosso estudo no domínio da psicossociologia política, cf. MICHELAT, G. e SIMON, M., "Catholiques déclarés et irréguliers communistes: vision du monde et perception du champ politique", in *Archives de Sciences Sociales des Religions*, 18 (35), janeiro-junho de 1973, p. 57-111.

(4) RAYMOND, H., "Analyse de contenu et entretien non directif", in *Revue Française de Sociologie*, 9 (2), abril-junho de 1968, p. 167-79. Tal definição está próxima da que é dada por Adorno *et al.*

"Emprega-se o termo ideologia no sentido que está difundido na literatura corrente para representar uma organização de opiniões, de atitudes e de valores, uma maneira de encarar o homem e a sociedade." ADORNO, T. W.; FRENKEL-BRUNSWIK, E.; LEVINSON, D. J. e SANFORD, R. N., *The Authoritarian Personality*, Nova Iorque, Harper and Brothers, 1950, p. 2.

tadas. É igualmente possível que as perguntas sejam mal escolhidas ou mal formuladas e constituam indicadores muito ruins do que o pesquisador quer apreender. Precisando melhor, o entrevistado talvez se coloque problemas em termos completamente diferentes dos que o pesquisador imagina. Além disso, as respostas que lhe são impostas talvez não correspondam à formulação que o entrevistado teria escolhido; mas, o que é mais grave, essas respostas talvez não correspondam à própria *dimensão* que teria tido uma significação para ele. Estas críticas não nos parecem tirar o valor dos questionários, mas sim torná-los pouco adequados a determinados objetivos.⁵ Na verdade, parece que a uma pergunta qualquer as pessoas interrogadas não respondem ao acaso; de modo mais geral, pode-se considerar que toda resposta a um estímulo dado tem uma significação (e a ausência de resposta é igualmente uma resposta). Resta saber se esse estímulo é o mais adequado e o mais facilmente interpretável em relação ao objetivo e se ele é o melhor indicador disponível. Nem por isso, ao usar-se questionários além da utilização jornalística das sondagens, deixa de ser igualmente possível atingir o sistema que preside à organização dos temas nas pessoas interrogadas; mas isso passa pela estruturação prévia do campo imposta pelo pesquisador que dirige a pesquisa (esta estrutura é dependente da personalidade psicossocial do pesquisador, isto é, entre outras coisas, das "ideologias" dos grupos a que pertence ou de referência).⁶ O recurso à entrevista não-diretiva repousa igualmente sobre a hipótese de que a informação mais facilmente acessível, aquela que é conseguida por questionário, é a mais superficial, a mais estereotipada e a mais racionalizada.

Ao contrário, a informação conseguida pela entrevista não-diretiva é considerada como correspondendo a níveis mais profundos, isto porque parece existir uma relação entre o grau de liberdade deixado ao entrevistado e o nível de profundidade das informações que ele pode fornecer. A *liberdade* deixada ao entrevistado (sendo a não-diretividade todavia relativa) facilita a produção de informações sintomáticas que correriam o risco de serem censuradas num outro tipo de entrevista.

(5) Evidentemente ocorre o mesmo com todos os métodos, tendo cada um deles uma especificidade (que caminha junto com uma complementaridade das abordagens). Mas o exame crítico dos métodos não significa o abandono de sua utilização: ele reduz simplesmente seu emprego a determinadas situações e a determinados objetos em função de condições que devem ser explicitadas. É assim que é preciso estar consciente dos limites da "não-diretividade" e das ilusões às quais pode levar. Não evocaremos aqui as críticas que podem ser feitas à entrevista não-diretiva e que nos parecem pertinentes. Cf. KANDEL, L., "Reflexões sobre o uso da entrevista, notadamente a não-diretiva, e sobre as pesquisas de opinião", incluída nesta coletânea.

(6) Se as perguntas colocadas não são independentes daquele que as formula, o mesmo se dá, sem dúvida em menor grau, com a simples observação, como o mostram as experiências sobre os fatores sociais da percepção.

Existe igualmente uma relação entre o nível de profundidade que se pode alcançar e a quantidade de material de que se dispõe. Independentemente do objetivo e do procedimento próprios à psicanálise individual, não existe comum medida entre o discurso de uma ou duas horas de uma entrevista não-diretiva e as dezenas, senão as centenas de horas de uma psicanálise. Quanto mais importante é o material, mais ele se enriquece com elementos que permitem ao analista atingir níveis mais profundos.

Uma outra hipótese, corolário da precedente, é a de que o que é da ordem afetiva é mais profundo, mais significativo e mais determinante dos comportamentos do que o que é apenas intelectualizado. Isto não quer dizer que o que é afetivo não tem seu correspondente numa expressão intelectualizada, ou não tem componente intelectualizado. Mas o que é apenas intelectualizado, o que não é assumido afetivamente pela personalidade tem apenas uma significação fraca e uma relação reduzida com os comportamentos do indivíduo. Considera-se que a entrevista não-diretiva permite, melhor do que outros métodos, a emergência deste conteúdo sócio-afetivo profundo, facilitando ao entrevistado o acesso às informações que não podem ser atingidas diretamente. Mas essas observações podem ser aplicadas tanto a entrevistas cujo objetivo é a análise psicológica do indivíduo, quanto a entrevistas como as que nos interessam aqui e que são destinadas à análise dos fenômenos sociais. Precisemos agora alguns dos elementos da especificidade da utilização deste tipo de entrevista em sociologia.

Partimos da hipótese de que cada indivíduo é portador da cultura e das subculturas às quais pertence e que é representativo delas. Comprendemos aqui por cultura o conjunto das representações, das valorizações efetivas, dos hábitos, das regras sociais, dos códigos simbólicos visados por Sapir quando escreve: "O indivíduo é um portador passivo de tradições ou, em termos mais dinâmicos, aquele que concretiza, sob mil formas possíveis, idéias e modos de comportamento implicitamente inerentes às estruturas ou às tradições de uma sociedade dada"⁷ e Jean Stœtzzel acrescenta: "O homem é ator e vetor de sua cultura"⁸. Tal concepção implica, para nós, que a constituição e a evolução de uma cultura se devem a um conjunto de processos históricos. Estabelecendo-se uma aproximação com o que Engels diz sobre a história,⁹

(7) SAPIR, E., *Anthropologie*, Paris, Editions de Minuit, 1967, tomo I, p. 89.

(8) STÖETZEL, J., "La connaissance des opinions", in PIERON, H., *Traité de psychologie appliquée*, Paris, Presses Universitaires de France, tomo II, p. 326.

(9) "A história se faz de tal modo que o resultado final se desprende sempre dos conflitos de um grande número de vontades individuais, das quais cada uma por sua vez é feita tal qual é por uma multiplicidade de condições particulares de existência; existem então aí inúmeras forças que se opõem mutuamente, um grupo infinito de paralelogramas de forças de onde sai uma resultante — o acontecimento histórico — que pode ser vista por

poder-se-ia dizer que a cultura seria feita pela acumulação e a interação das produções ideológicas das diversas estruturas sociais que se sucederam historicamente, enquanto em cada época haveria interação de um grande número de indivíduos vivendo existências particulares, em função dos diversos grupos sociais aos quais pertencem ou se referem, no interior de uma sociedade que tem estruturas dadas.

É porque esses modelos são interiorizados — mesmo se, às vezes, de modo conflitante — por cada indivíduo, que eles podem desempenhar um papel explicativo dos comportamentos sociais cujos mecanismos tentamos analisar.

Só se pode construir o modelo de uma cultura a partir de suas produções. Em nosso caso, a utilização da entrevista não-diretiva tem o objetivo de provocar as produções verbais dos indivíduos de tal modo que elas possam constituir outras tantas informações sintomáticas. Estas são consideradas como reveladoras ao mesmo tempo da cultura e das subculturas próprias a cada indivíduo e de certos mecanismos que presidem a sua constituição (utilização, transformação, organização dos diferentes “estereótipos” disponíveis).¹⁰

De um outro modo e por analogia¹¹ com o que Lévi-Strauss diz sobre os mitos,¹² consideramos que cada indivíduo, apreendido através das informações sintomáticas fornecidas pela entrevista, é uma aplicação restrita de sua cultura e de suas subculturas. A partir dessas diversas aplicações particulares, nosso objetivo é o de tentar reconstituir o modelo de sua cultura ou os modelos culturais subjacentes. O fato de considerar que o indivíduo é representativo de sua cultura não

sua vez como o produto de uma força agindo como um todo, de maneira *inconsciente e cega*.” ENGELS, F., “Lettre à Joseph Bloch, 21-22 septembre 1890”, in MARX, K. e ENGELS, F., *Sur la religion*, Paris, Editions Sociales, 1968, p. 270.

(10) Pode-se sugerir igualmente a comparação de um conjunto de entrevistas com a obra de um escritor: “Certamente Rabelais ‘exprime’ sua época, seu tempo, a sociedade desse tempo, seu povo e sua nação, as classes e as relações de classe na nação francesa em pleno crescimento” (LEFEBVRE, H., *Rabelais*, Paris, Les Editeurs Français Réunis, 1955, p. 29). O que não quer dizer que se considera que as entrevistas ou a obra artística dão diretamente uma imagem da sociedade equivalente à que os historiadores, economistas ou sociólogos podem construir. Pretende-se apenas sugerir que a obra literária (ou plástica), assim como as entrevistas, fornecem, através das consciências individuais, informações sintomáticas complexas, senão contraditórias, sobre uma sociedade num momento dado de seu desenvolvimento histórico: “O grande riso de Rabelais, sua alegria de viver, sua autêntica alegria não provam que todos à sua volta tinham e achavam a vida bela” (*op. cit.*).

(11) As analogias entre diversos procedimentos, que destacaremos no decorrer desta exposição, não implicam uma identificação entre nosso procedimento e os da psicanálise ou da antropologia estrutural.

(12) LÉVI-STRAUSS, C., *Mythologiques, le cru et le cuit*, Paris, Plon, 1964, p. 21.

significa que os indivíduos sejam intercambiáveis e que se encontre uma imagem idêntica da cultura através dos sintomas particulares contidos numa dada entrevista. Cada indivíduo é caracterizado por sua filiação atual a um certo número de grupos sociais que, ao mesmo tempo, produzem uma subcultura que lhes é específica e que não têm relações idênticas com a cultura global. Além disso, cada indivíduo pertence igualmente a numerosos outros grupos, aos quais pode não pertencer mais, mas que deixaram nele traços mais ou menos importantes. Muitos outros fatores ainda entram em jogo: vai-se encontrar, assim, em cada indivíduo, um modelo cultural assumido por personalidades diferentes com histórias de vida diferentes nas quais as necessidades, as expectativas, as participações foram diferentes; isto significa que os fenômenos de socialização foram diferentes. Na verdade, o indivíduo não toma a cultura como um todo que lhe é dado, ele a percebe e a torna mais ou menos sua em função de sua personalidade psicossocial e de suas necessidades, as quais em larga medida são função de uma interação de influências, as dos meios nos quais nasceu e nos quais viveu nos diferentes momentos de sua existência. Existe, assim, para cada indivíduo, um sistema complexo de acentuações, de contradições, de transformações em função dos diferentes elementos que atuam ou atuaram em seu processo de socialização.¹³

Todavia, existe uma espécie de paradoxo no fato de se dirigir a indivíduos, em suas particularidades, através de suas vivências, de sua personalidade, para atingir-se o que é social. Com efeito, a partir do discurso das pessoas interrogadas que exprime a relação delas com o objeto social do qual lhes pedem que fale, nosso objetivo é passar pelo que há de mais psicológico, de mais individual, de mais afetivo, para atingir o que é sociológico, o que é cultural.

O que procuramos através da entrevista não-diretiva é realmente reconstituir os modelos culturais de nossa sociedade. Mas não pensamos que se possa fazer economia da passagem pelo indivíduo considerado como lugar de sua cultura. Enquanto antropólogo, Sapir precisa: "Se um testemunho individual é gravado como tal (coisa muito freqüente em etnografia), isto não quer dizer que se considera precioso o indivíduo, entidade adulta e singular, mas que ele é tomado como amostra da comunidade".¹⁴

Mas vê-se claramente aí, apesar de certas analogias, uma diferença em relação à entrevista não-diretiva: em geral o etnólogo pede a um membro da comunidade estudada, considerado um informante,

(13) SAPIR, E., *Anthropologie*, Tomo I, Paris, Editions de Minuit, 1967, p. 89-90.

(14) SAPIR, E., *Anthropologie*, *op. cit.*, p. 90.

informações de tipo objetivo: o que sabe sobre os mitos, os ritos, as tradições, etc. (sob forma de perguntas que se assemelham às de uma entrevista diretiva). Ao contrário, na entrevista não-diretiva o que se faz é dirigir-se a um participante da cultura estudada perguntando-lhe não mais o que sabe, mas o que pensa, o que sente enquanto indivíduo.¹⁵ Se um membro da comunidade é considerado representativo de sua cultura, isto se dá através de sua singularidade, que consideramos reveladora. A análise baseia-se mais no que é sentido do que no que é conhecido e isto a partir da produção de sintomas obtida pela entrevista não-diretiva: "o indivíduo sente, mais do que conhece, estes modelos e aplica-os com toda candura sem poder descrevê-los conscientemente".¹⁶

Essa passagem pelo indivíduo implica, como dizíamos acima, um certo paradoxo: é a partir do que há de mais individual e de mais afetivo que vamos tentar alcançar o que é sociológico. Mas se se perceber o fato de que não há comportamentos sociais e comportamentos individuais, de que não há diferenças de natureza dos fenômenos mas apenas uma diferença de ponto de vista segundo o objetivo da observação, poder-se-á analisar o que é individual ou o que é social. Parafraseamos aqui Sapir, que acrescenta: "Não há nenhuma diferença entre uma respiração e uma religião ou um regime político, *com a condição de interpretá-la como um comportamento social*" e "o homem, tanto em seu comportamento social quanto no pretense comportamento individual, obedece a modelos culturais íntimos".¹⁷ Mas, uma vez que cada indivíduo é singular, é preciso servir-se do que faz com que ele seja ele, o que o particulariza, isto é, uma determinada organização de filiações e de experiências sociais específicas, e não considerá-lo de maneira abstrata. Pode-se, assim, estimar que determinadas situações particulares farão aparecer melhor o modelo geral que procuramos. Efetivamente, as particularidades, as "historietas" próprias a cada indivíduo (sua vivência, suas filiações...) podem ser decompostas num certo número de variáveis das quais se poderia dizer que constituem o equivalente a um item de um plano experimental no qual cada indivíduo representaria uma réplica da experiência. O feixe dessas variáveis que estabelecem a equação particular de um indivíduo vai desempenhar um papel de revelador do modelo da cultura e das sub-

(15) É evidente que a distinção entre o que é conhecido e o que é sentido não é simples. Cabe ao analista separar o que é realmente sentido do que é dado como sentido e que nada mais faz do que reproduzir um discurso conhecido estereotipado sem que este seja afetivamente assumido. Assim, também a pessoa interrogada pode apresentar o que de fato sente como qualidades objetivas de uma realidade que conhece.

(16) SAPIR, E., *op. cit.*, p. 40.

(17) SAPIR, E., *op. cit.*, p. 39.

culturas através dos sintomas particulares contidos numa entrevista dada.¹⁸

Os modelos culturais aparecer-nos-ão então sob as formas concretas e particulares segundo as quais são vividos por indivíduos dados e que, por isso mesmo, são as mais típicas e as mais significativas. Poder-se-ia estabelecer uma analogia com a compreensão do "normal" pelo estudo de "casos patológicos" mas, apesar de certas semelhanças, é preciso notar que cada indivíduo não é definido nem pela diferença com o que se passa "normalmente", no sentido valorizado do termo, nem pelo afastamento de uma norma determinada por sua freqüência, mas, antes, representa formas particulares de sistemas gerais ou parciais que correspondem a grupos ou a subgrupos.

Todavia, a despeito da grande diversidade dos elementos que constituíram a personalidade psicossocial de cada indivíduo, vão ser encontrados em cada um deles modelos que apresentarão profundas semelhanças. A própria existência dessas constantes poderá ser considerada como reveladora dos modelos culturais. "É preciso reconhecer que todo indivíduo num grupo oferece particularidades culturais que não compartilha com todos os membros e que pode ser até mesmo o único a possuir. Em lugar de abordar as variações individuais a partir de uma pretensa objetividade da cultura é preciso então fazer a exigência inversa. É preciso fazer abstração da cultura e analisar o melhor possível os atos e os pensamentos cotidianos de um certo número de indivíduos habituados a viver em comum. Seremos então forçados a admitir a existência de determinadas constantes no interior dessas relações interpessoais".¹⁹ Constatar-se-á até mesmo uma persistência desses modelos de uma geração para outra, no interior de uma cultura ou de uma subcultura. Essa herança de natureza evidentemente social e não biológica poderá, entretanto, ser considerada, em determinados casos, como biológica pelas pessoas interrogadas.²⁰ Notemos, a esse respeito, que os modelos culturais aos quais chegaremos estão ligados à história e podem levar-nos, para compreendê-los, a fazer ensaios de

(18) Assim, na entrevista de uma operária bretã, é o fato de ter um filho retardado que é o ponto de partida e o revelador de todo um sistema de representações e de valorização concernente à religião e à política, característica de uma subcultura. ("O Bom Deus, se houvesse um Bom Deus, porque faria tantas misérias na terra, isto me revolta", cf. MICHELAT, G. e SIMON, M., "Catholiques déclarés...", *op. cit.*, p. 107.)

(19) SAPIR, E., *op. cit.*, p. 110.

(20) O sistema de valores da sociedade, a própria estrutura desta última, as desigualdades entre grupos sociais são então considerados como tendo uma origem natural e não cultural. Cf. MICHELAT, G. e SIMON, M., "Catholiques déclarés...", *op. cit.*

sociologia histórica, se é verdade, como diz M. Mauss, que “por trás de todo fato social existem história, tradição, linguagem e hábitos”.²¹

A escolha da amostra

Numa pesquisa quantitativa, é a amostra, constituída por indivíduos escolhidos ao acaso, que é considerada como representativa. Ela é, de algum modo, um modelo reduzido da população total, na qual os diferentes grupos sociais se encontram com os pesos respectivos que têm na população.

Numa pesquisa qualitativa, só um pequeno número de pessoas é interrogado. São escolhidas em função de critérios que nada têm de probabilistas e não constituem de modo algum uma amostra representativa no sentido estatístico. É, sobretudo, importante escolher indivíduos os mais diversos possíveis. E, na verdade, em função do que dissemos mais acima, é o indivíduo que é considerado como representativo pelo fato de ser ele quem detém uma imagem, particular é verdade, da cultura (ou das culturas) à qual pertence. Tenta-se apreender o sistema, presente de um modo ou de outro em todos os indivíduos da amostra, utilizando as particularidades das experiências sociais dos indivíduos enquanto reveladores da cultura tal como é vivida.

A amostra é então constituída a partir de critérios de diversificação em função das variáveis que, por hipótese, são estratégicas, para obter exemplos da maior diversidade possível das atitudes a respeito do tema em estudo. Por variáveis estratégicas entendemos aquelas que, em função de reflexões teóricas e dos estudos anteriores, pode-se estimar como sendo as que desempenham o papel mais importante no campo do problema estudado.

As variáveis estratégicas são de dois tipos. Por um lado, considera-se que as variáveis utilizadas na análise quantitativa (pesquisas de opinião) são geralmente pertinentes para a constituição da amostra de uma pesquisa qualitativa, realizada a partir de entrevistas não-diretivas. Na verdade, pode-se pensar que o sexo, a idade, a profissão, o tipo de habitat, a região, etc. são indicadores de filiações a grupos sociais nos quais os fenômenos de socialização são de tipo diferente em função de realidades diferentes. Mas, por outro lado, variáveis mais especificamente ligadas ao tema do estudo realizado devem ser igual-

(21) MAUSS, M., “Rapports réels et pratiques de la psychologie et de la sociologie”, publicado no *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, 1926, e republicado in *Sociologie et anthropologie*, Paris, Presses Universitaires de France.

mente levadas em conta. Por exemplo, se é feito um estudo sobre os transportes coletivos urbanos, parece necessário escolher pessoas que utilizam e pessoas que não utilizam este meio de transporte. Num estudo sobre o nacionalismo, serão utilizadas, entre outras, as distinções que parecem significativas no campo do político; serão utilizadas, em particular, as tomadas de posição explícitas contidas nas ideologias declaradas dos grupos políticos e será necessário entrevistar-se com pessoas "ultranacionalistas" ou "internacionalistas" de diversos tipos. O particular é que esta escolha não será feita levando em conta o peso desses grupos políticos na população, mas em função de sua exemplaridade. Assim, os que se declaram pertencer a certos grupúsculos ocuparão tanto lugar na "amostra" quanto os aderentes ou os eleitores de certos partidos de massa. O que não quer dizer que os critérios de diversificação serão exclusivamente políticos.

Dizíamos que cada entrevista podia ser considerada uma aplicação restrita de um modelo geral. O *corpus* será constituído pelo conjunto dessas aplicações particulares. Mais precisamente, o *corpus* submetido à análise é constituído pelos discursos das pessoas interrogadas tais quais foram retranscritos exaustivamente a partir da gravação em fita de cada entrevista. Faz igualmente parte dele o que, no discurso do entrevistador não é não-diretivo: mesmo se este último tem uma grande experiência da conduta não-diretiva das entrevistas, determinadas intervenções podem ter um conteúdo diretivo e é necessário poder controlá-lo. Com efeito, uma proposição emitida livremente pelo entrevistado no decorrer de seu processo de exploração, associada ao que precede em seu próprio discurso, não terá o mesmo valor, igual significação que a mesma proposição quando esta aparece após uma estruturação diretiva do entrevistador. Pode-se mesmo ser levado, neste caso, a pôr entre parênteses determinadas seqüências do discurso do entrevistado no caso de não se saber mais se elas fazem parte de seu processo exploratório ou se lhe foram impostas de fora. Fazem igualmente parte do *corpus* todos os outros sintomas tais como hesitações, risos, silêncios, etc. (pode-se mesmo cogitar da gravação das entrevistas em *video-tape* para reencontrar todas as expressões gestuais, mímicas, etc., que poderiam ser acrescentadas às informações sintomáticas já recolhidas). Enfim, as informações situacionais, dentre as quais algumas são representadas pela idade, pelo sexo, pela profissão, a região, o nível de estudos, etc. são indispensáveis à análise da entrevista. Com efeito, por um lado, cada elemento do discurso do entrevistado terá significações diferentes segundo as configurações de elementos de tipos diversos às quais ele pertence (quer estes sejam verbalizados pelo locutor, quer pertençam às variáveis situacionais que o definem). Por outro lado, poder-se-á, se for o caso, caracterizar determinados modelos anexos próprios a subculturas.

Em muitos casos, a análise das entrevistas não-diretivas reduz-se à utilização das técnicas de análise de conteúdo tais como foram descritas por Berelson.²² Estas técnicas, por mais úteis que possam ser, parecem-nos aplicar-se mal a um discurso como o obtido pela entrevista não-diretiva: trata-se aqui de um discurso falado, desenvolvido espontânea e livremente — mesmo que esta espontaneidade e esta liberdade sejam relativas, posto que submetidas simultaneamente à pressão a explorar, induzida pela presença e pela exigência do entrevistador, e à escolha do tema da exploração, feita por este último — mas muito diferente dos escritos geralmente submetidos à análise de conteúdo.

O texto é então decomposto em unidades de significação que são classificadas por meio de um sistema de categorias estritamente definidas. A análise deve ser exaustiva: todas as unidades de significação devem encontrar seu lugar, de maneira não-ambígua, nas categorias definidas. Esse tratamento permite uma quantificação dos temas, mesmo que esta seja considerada como tendo apenas um valor indicativo. A vantagem deste método é a de que, ao proceder segundo regras precisas, a fidelidade da análise pode ser grande: em princípio, duas análises conduzidas independentemente devem chegar ao mesmo resultado. Mas algumas observações críticas podem ser feitas.

1) As unidades de significação, classificadas em temas, são separadas umas das outras, consideradas isoladamente, independentemente do conjunto de seu sistema de relações.²³

2) É o conteúdo manifesto que é classificado em categorias, o conteúdo latente podendo revelar-se segundo os termos da análise, mas o isolamento dos temas de seu contexto relacional parece-nos fazer perder a compreensão das ligações necessárias para atingir o conteúdo latente. É verdade que se pode aperfeiçoar a análise e considerar não mais apenas categorias referentes aos temas, mas também categorias referentes às relações existentes entre dois temas. Não se contabilizará mais então a frequência de A e B, mas a frequência de A associada a B. Mesmo neste caso parece que se perdem elementos de informação indispensáveis.

3) A quantificação das frequências correspondentes a cada uma das categorias repousa sobre um pequeno número de entrevistas cujo

(22) Cf., por exemplo, BERELSON, B., "Content Analysis", in LINZDEY, G., *Handbook of Social Psychology*, Reading, Addison-Wesley, 1959, p. 488-522.

(23) Essas unidades de significações são frequentemente determinadas *a priori* (ou melhor, após tentativas sobre uma amostra de um *corpus*). Corre-se o risco de voltar assim a uma situação de questionários de perguntas fechadas e só se ressalta a presença ou a ausência de certos itens pré-definidos em hipóteses.

conjunto não pode, de modo algum, ser considerado representativo. O fato de se levar em consideração as diferenças de frequência parece, deste ponto de vista, não ter nenhum valor estatístico.

4) O que parece, todavia, mais importante é que mesmo se os resultados da quantificação dos temas são considerados como tendo apenas um valor indicativo, parte-se da idéia de que o que é mais importante manifestar-se-á quantitativamente, o que é mais freqüente é também mais significativo, e isto parece duvidoso. Se se admite que existem mecanismos de bloqueio, de censura, ao nível da expressão individual, devidos ou não aos mecanismos do inconsciente, é verossímil que elementos de informação importantes só aparecerão talvez de maneira fugidia e velada. Pode-se mesmo dizer, como na teoria da informação, que quanto mais fraca é a probabilidade de ocorrência de um tema, maior é a quantidade de informação que ele traz.

5) A quantificação, neste caso, dá em geral a impressão de deixar escapar o essencial das significações. O fato de comumente ser analisado apenas o conteúdo manifesto — mesmo que, “todavia, os resultados da análise de conteúdo sirvam freqüentemente de ponto de partida para essas ‘interpretações’ do conteúdo latente”²⁴ — faz da maioria das utilizações deste método de análise uma simples extensão das perguntas abertas tais como são utilizadas num questionário e, para as quais, esse tipo de análise é adequado e até mesmo indispensável. Ora, pensamos que existem diferenças fundamentais entre as quais a mais importante ou, pelo menos, a que determina as outras, é que no caso da entrevista não-diretiva há uma interação de tipo particular entre o entrevistador e o entrevistado e que é este último que detém a atitude de exploração.²⁵ Se uma entrevista não-diretiva é utilizada de preferência a uma entrevista dirigida a partir de um questionário é porque se considera que a informação fornecida por perguntas diretas solicita apenas a parte da informação imediatamente acessível ao entrevistado, isto é, a informação mais superficial, mais estereotipada, mais sensível às pressões da desejabilidade social. É

(24) BERELSON, B., *op. cit.*, p. 489.

(25) Poder-se-ia dizer igualmente que existe na entrevista não-diretiva um certo paralelismo entre a relação entrevistador-entrevistado e a que une o analista da entrevista e o entrevistado: em ambas situações o entrevistador ou o analista deve estar continuamente à escuta do discurso do entrevistado sem que intervenha tudo o que está pressuposto. Reencontram-se aqui certas analogias com a *atenção flutuante* dos psicanalistas (voltaremos a isso).

“Que uma de suas orelhas se ensurdeça, tanto quanto a outra deve ser aguçada. É a que vocês devem pôr à escuta dos sons ou fonemas, das palavras, das locuções, das sentenças, sem omitir nisto pausas, escansões, cortes, períodos e paralelismo, pois é aí que se prepara o ao pé-da-letra da versão, sem o que a intuição analítica não tem suporte nem objeto.” LACAN, J., *Écrits II*, Paris, Editions du Seuil, 1971 (*Points*).

também a que está mais sujeita aos fenômenos de bloqueio e de censura que evocávamos acima.

*A análise qualitativa das entrevistas não-diretivas*²⁶

Parte-se da hipótese de que todo elemento do *corpus*, inclusive os detalhes, tem pelo menos uma significação. Isto não quer dizer que esses detalhes podem ser considerados isoladamente, como tendo uma significação fora de qualquer contexto, como numa "chave dos sonhos". Ao contrário, cada detalhe só tem sentido em relação com todos os outros elementos disponíveis. Isto é compreensível se for lembrado que consideramos as entrevistas não-diretivas como uma produção de sintomas que caberá a nós interpretar e organizar e que freqüentemente apresentar-se-ão sob forma de "detalhes". Esta importância do detalhe é igualmente atestada tanto por Freud quanto por Lévi-Strauss em seus respectivos modos de análise: "Ele é (o método de interpretação), como este (o método de decifração), uma análise 'em detalhe' e não 'em massa', um 'conglomerado' de fatos psíquicos".²⁷ "Se algo sobressai de todo o empreendimento é o que chamarei a presença do detalhe: nada existe no mito que possa ser ignorado, nada que se possa dizer que é estranho ou absurdo para preservar algumas grandes verdades eternas, nada que não deva ser levado em consideração e que, por conseguinte, não tenha um sentido."²⁸

Esse tipo de análise, que procede da idéia de que tudo tem uma significação, implica igualmente que a análise deve ser exaustiva, do mesmo modo que a análise dos sonhos ou a análise de conteúdo tal como a propõe Berelson. Todos os elementos do material devem ser analisados e devem encontrar seu lugar no modelo que representa o conjunto (o que não exclui que eles possam se situar simultaneamente em muitos lugares ou níveis do modelo — diversamente da análise de conteúdo clássica).

Indo do conteúdo manifesto ao conteúdo latente,²⁹ queremos reconstituir o "raciocínio" subjacente (raciocínio não consciente —

(26) Cf. LAZARSELD, P., "Quelques fonctions de l'analyse qualitative en sociologie", in *Philosophie des sciences sociales*, Paris, Gallimard, 1970, p. 318-60.

(27) FREUD, S., *L'interprétation des rêves*, Paris, Presses Universitaires de France, 1971.

(28) LÉVI-STRAUSS, C., "Entretien avec Raymond Bellour", *Le Monde*, 5 de novembro de 1971.

(29) Lembremos a este respeito as definições que Laplanche e Pontalis dão do conteúdo latente: "Conjunto de significações ao qual chega a análise de uma produção do inconsciente, singularmente do sonho; uma vez decifrado, o sonho não aparece mais como uma narrativa em imagens, mas como uma organização de pensamentos, um discurso, exprimindo um ou muitos desejos (...). O conteúdo manifesto é a versão trun-

“raciocínio afetivo”, poder-se-ia dizer em função das hipóteses colocadas no início), que preside a emergência dos temas manifestos. O objetivo, a partir das diversas progressões desse raciocínio, é o de prestar contas do conjunto do material por um esquema único que seja o mais simples possível.³⁰ Ao cabo dessa análise, o que encontramos são partes dos modelos culturais correspondentes à sociedade global e aos diferentes grupos e subgrupos. São esses modelos culturais que desempenham um papel na organização desse “raciocínio afetivo” do qual falávamos: raciocínio de um indivíduo, cujos determinantes, todavia, são sociais mesmo quando assumem uma aparência particular de vivência de um indivíduo. Assim, este último reencontra em parte o “raciocínio” característico de seu grupo ou de seus grupos. A singularidade de cada indivíduo provém, por um lado, do fato de o modelo cultural deste último ser constituído por uma incorporação — ao menos parcial — dos diversos modelos culturais próprios aos grupos e subgrupos aos quais ele pertence ou aos quais pertenceu; por outro lado, pela síntese pessoal que deles fez. Esta última pode comportar efeitos de reforço ou chegar a contradições eventuais dos modelos culturais dos diferentes grupos de filiação. É assim que se verá aparecer sistemas ambivalentes.³¹ O modelo final ao qual chegaremos prestará contas das progressões deste raciocínio que será próprio de uma dada cultura com ramificações diversas, submodelos próprios a certas subculturas; ele faz aparecer, em todo caso, a parte do sistema cultural ligada ao tema da exploração.

Impregnação e interpretação

O procedimento adotado vai consistir em ler e reler as entrevistas disponíveis para chegar a uma espécie de impregnação. Reencontra-se aqui um procedimento comparável ao de Lévi-Strauss que declara: “Levei três anos para escrever este último volume (...) todo esse tempo era necessário para impregnar-me a tal ponto da substância dos mitos que já sabia todos praticamente de cor”.³² As leituras repetidas vão progressivamente suscitar interpretações pelo relacionamento de ele-

cada, o conteúdo latente é a versão correta.” LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B., *Vocabulaire de la psychanalyse*, Paris, Presses Universitaires de France, 1968, p. 100. V. igualmente FREUD, S., *L'interprétation des rêves*, *op. cit.*, p. 241 e seg.

(30) Princípio de economia.

(31) Poder-se-á, assim, por exemplo, constatar que uma parte do modelo leva a atitudes autoritárias, uma outra parte a atitudes libertárias (ambas podendo, aliás, encontrar-se simultaneamente no mesmo indivíduo).

(32) LÉVI-STRAUSS, C., “Entretien avec Raymond Bellour”, *op. cit.*

mentos de diversos tipos. Por interpretação compreendemos, como os psicanalistas, o "destacamento, pela investigação analítica, do sentido latente a partir do conteúdo manifesto".³³ Isto significa que, além da literalidade da frase, tenta-se reconstituir sua tradução interpretativa incluindo seqüências de significação mais ou menos longa. Constatamos igualmente certas analogias com o procedimento dos psicanalistas e utilizamos, aí também, um certo número de seus conceitos.

Por exemplo, seremos levados a identificar e a interpretar os lapsos, mas esta interpretação fará referência não apenas a um contexto psicológico mas, principalmente, neste tipo de análise, a um contexto sociológico ou cultural. Assim, um entrevistado declara numa entrevista: "para ter boa acolhida entre os russos, basta ser soviético". A primeira idéia que vem ao espírito é a de que esta proposição traz poucas informações, que ela é de tipo tautológico. Se esta idéia é ultrapassada pode-se propor uma primeira interpretação: é um modo irônico de dizer que os russos não são acolhedores com as pessoas de fora e que só são hospitaleiros para com seus concidadãos. Esta interpretação está de acordo com o que emerge de um grande número de entrevistas de pessoas geralmente hostis ao comunismo. Se esta proposição é recolocada em seu contexto, pode-se dar uma segunda interpretação. Na verdade o entrevistado é uma mulher, operária, favorável à CGT e ao Partido Comunista: ela fala dos delegados sindicais que são convidados a ir à URSS e que são muito bem recebidos. De fato, ao que tudo indica, ela quer dizer "para ser bem acolhido entre os russos, é preciso ser comunista", isto é, os russos são acolhedores com as pessoas de fora, mas é preciso compartilhar sua ideologia. Mas uma vez restabelecido o sentido, importa não esquecer que houve um lapso e que este tem uma significação. Pode-se interpretá-lo como exprimindo a idéia de que os comunistas não são franceses como os outros, que de fato são estrangeiros, que são soviéticos e "soviético" é o equivalente de "comunista". Bem se vê que uma proposição aparentemente banal contém de fato uma quantidade de significações, que a interpretação só é possível em função do contexto, mas também que não se pode contentar com uma única interpretação. Deste ponto de vista as diferentes interpretações podem ser simultaneamente válidas. (...) Este exemplo é significativo da existência de atitudes ambivalentes no mesmo indivíduo visto que, na eventualidade de um lapso, reencontra-se, em alguém que é, em outros aspectos favorável aos comunistas, um sistema de representações características dos anticomunistas.

(33) LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B., *Vocabulaire de la psychanalyse*, op. cit., p. 206.

No conteúdo manifesto figuram também as motivações e as interpretações declaradas, que são consideradas como informações sintomáticas como as outras e que serão igualmente submetidas à interpretação do analista.

A propósito deste exemplo, reencontra-se aqui uma série de fenômenos descritos pelos psicanalistas, como o da *condensação*: “uma representação única representa sozinha várias cadeias associativas em cuja interseção ela se encontra (...). A narrativa manifesta, comparada com o conteúdo latente, é lacônica: ela constitui sua tradução abreviada — nem por isso a condensação deve ser assimilada a um resumo: se cada elemento manifesto é determinado por várias significações latentes, cada uma destas, inversamente, pode ser encontrada em vários elementos”.³⁴ Este conceito invoca a intervenção do conceito de *sobre-determinação*, efeito do trabalho de condensação, “o sintoma traz o traço da interação das diversas significações entre as quais ele realiza um *compromisso*”.³⁵ Isto acarreta a possibilidade, e em muitos casos a necessidade, de *sobre-interpretação*, “interpretação que se destaca secundariamente quando uma primeira interpretação coerente e aparentemente completa pôde ser fornecida”.³⁶

Mas a atenção particular dedicada à singularidade de cada entrevista é concomitante a um relacionamento das diversas entrevistas entre si. Isto conduz a alternar as leituras verticais das entrevistas (guardando a lógica própria a cada uma) e as leituras horizontais, para estabelecer a relação com as outras entrevistas. Um elemento do “raciocínio” pode faltar numa entrevista e ser encontrado em outra. Um elemento que só apareceu em uma entrevista pode, assim, levar a um novo “questionamento” do conjunto do material. De maneira analógica igualmente, pode-se dizer que se trata de algo comparável ao estudo dos mitos: ou várias versões do mesmo mito constituem o mito, ou cada mito tem sua “lógica”, mas aí existe uma lógica comum a todos os mitos.

Pode-se notar que, no estágio da análise das entrevistas, são reencontradas características da fase de coleta das entrevistas. Por um lado, a atitude do entrevistador não-diretivo, que pode ser comparada com a atenção flutuante do psicanalista, reencontra-se de certa maneira, em determinadas fases de sua investigação, naquele que analisa as entrevistas.³⁷ Por outro lado, assim como o entrevistador não-dire-

(34) LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B., *op. cit.*, p. 89.

(35) *Ibid.*, p. 468.

(36) *Ibid.*, p. 469.

(37) “Ela consiste numa suspensão, tão completa quanto possível, de tudo o que dirige habitualmente a atenção: inclinações pessoais, preconceitos, pressupostos teóricos mesmo os mais bem fundados” e “Maneira pela qual, segundo Freud, o analista deve escutar o analisado: ele não deve privilegiar *a priori* nenhum elemento do discurso deste último, o que implica que ele deixe funcionar o mais livremente possível sua própria atividade inconsciente e suspenda as motivações que dirigem habitualmente a atenção. Esta recomendação técnica é simétrica à regra de livre associação proposta ao analisado”. LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B., *op. cit.*, p. 38-9.

tivo deixa ao entrevistado a responsabilidade de sua atitude de exploração, deixando-o desenvolver seu propósito como bem entender, partindo da idéia de que o entrevistado é o único que o pode fazer, o analista não pode negligenciar nenhum elemento da entrevista, não pode saber se está realmente "fora do campo" o que assim lhe parece. Isto explica a dificuldade de utilizar como não-diretiva uma entrevista recolhida em anotações escritas e não integralmente gravada e retranscrita para a análise.

A experiência mostra justamente que o que aparenta estar "fora do campo" possui muitas vezes uma importância capital. Forçando nosso propósito, poderíamos dizer, de outra maneira, que se fosse possível saber *a priori* o que está "no campo" e o que não está, isto significaria que já se conhece o resultado da análise e, neste caso, seria inútil realizá-la ou, pelo menos, seria preferível passar a uma outra fase da pesquisa. De fato, a pesquisa por entrevistas não-diretivas é justamente destinada a suscitar e a alimentar as hipóteses.

A análise interpretativa dos detalhes que evocamos está ligada com o fato de considerarmos o que há de mais concreto no discurso de indivíduos singulares, com determinadas características, com histórias de vida particulares, através de sua filiação a grupos com características sociais definidas. Isto implica igualmente que é indispensável conservar todos os elementos que permitem reconstituir a lógica própria à entrevista de um indivíduo particular. Isto é, não separar cada elemento de seu sistema de relações. Com efeito, é a partir desse sistema de relações que serão tornadas possíveis as interpretações. Cada entrevista é considerada em sua integridade e sua totalidade, incluindo todos os elementos disponíveis que evocamos na definição do *corpus*. Elementos semelhantes poderão ter sentidos diferentes segundo o sistema de relações que mantêm com o resto do material e com a situação do entrevistado.³⁸ É evidente, do ponto de vista que nos interessa, que a mesma proposição "tenho um trabalho pesado" remeterá a sistemas de significação muito diferentes, conforme tenha sido emitida por um mineiro ou por um pesquisador. Deste ponto de vista, existe uma diferença entre a maneira pela qual pensamos ser desejável proceder e a que é utilizada por um grande número de métodos de análise das entrevistas. Estes últimos consideram o *corpus* como um conjunto abstrato, como o discurso de uma só pessoa, discurso considerado como a expressão anônima da sociedade. Em contrapartida, encontra-se uma analogia com o procedimento de Lévi-Strauss tal como ele o descreve na intro-

(38) "Na verdade, meu procedimento não é tão fácil quanto o método popular que permite traduzir o sonho segundo uma chave constante; estaria mais inclinado a dizer que o mesmo conteúdo pode ter um sentido diferente em sujeitos diferentes e com um contexto diferente." FREUD, *L'interprétation des rêves*, op. cit., p. 97.

dução a *Le cru et le cuit*, onde insiste numa abordagem não-abstrata dos mitos: "A história inicial requer, portanto, que se situe de saída no nível mais concreto, isto é, no seio de uma população ou de um grupo de populações suficientemente próximos pelo habitat, a história e a cultura (...) Partiremos de *um* mito, proveniente de *uma* sociedade, e analisá-lo-emos recorrendo primeiro ao contexto etnográfico, depois a outros mitos da mesma sociedade".³⁹

Após o período de impregnação pelo material, progressivamente se vai adquirindo a capacidade de elaborar um esquema provisório a partir de uma ou de muitas entrevistas. Por analogia com a psicanálise, poder-se-ia dizer que se procede a uma *construção*.⁴⁰ Dedicase a uma releitura das entrevistas e amplia-se, precisa-se, modifica-se o esquema inicial. À medida que se progride, os diferentes elementos integram-se progressivamente no esquema. O que parecia banal, descritivo, de fraca significação, pode mostrar ter uma segunda significação mais importante.⁴¹ Só se pode descobri-la num determinado momento da análise e é a construção progressiva do esquema que permite, por uma releitura, fazer as significações aparecerem.

Assim, no decorrer de uma análise referente à atitude a respeito do comunismo, encontramos a proposição: "A Rússia é um país frio". Muitas leituras passaram por esta proposição sem que a notássemos: ela parecia banal e puramente descritiva. À medida que o esquema se construía, vimos que se constituía todo um sistema no qual se opunha o universo da política, do intelectual, do frio, ao universo da família, do afetivo, do quente. E nos apercebemos de que "A Rússia é um país frio" tinha uma significação simbólica ligada, no contexto, à idéia de que é um país onde não existem contatos humanos afetivos. Em outras palavras, não existe um roteiro de análise *a priori*: o "roteiro de análise", embora este termo seja impróprio, desprende-se por si mesmo progressivamente, é constituído pelo estado do esquema num dado momento da análise. É esse esquema que permitirá a leitura seguinte que, por sua vez, modificará o esquema: "É ao próprio mito, submetido à prova da análise, que cabe revelar sua natureza".⁴²

Há momentos em que se é levado a desenvolver dedutivamente o esquema, depois "confirma-se" (ou não) pela releitura das entrevistas.

(39) LÉVI-STRAUSS, C., *Le cru et le cuit*, *op. cit.*, p. 9.

(40) "Elaboração do analista mais extensiva e mais distante do material do que a interpretação", LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B., *op. cit.*, p. 99.

(41) "Uma idéia, considerada isoladamente, pode parecer sem importância e no ar, mas às vezes ganhará peso graças à que se segue; ligada a outras, que puderam, como ela, parecer descoloridas, formará um conjunto interessante." SCHILLER, carta a KÜRNER, 1º de dezembro de 1778, citado por FREUD, S., *L'interprétation des rêves*, *op. cit.*, p. 96.

(42) LÉVI-STRAUSS, C., *Le cru et le cuit*, *op. cit.*, p. 12.

A pesquisa de informações sintomáticas, podendo desempenhar um papel de "prova", leva então a aprofundar ou a recolocar em questão o estado atual do esquema.⁴³ É possível que certos desenvolvimentos dedutivos não encontrem sua "confirmação" no material recolhido. Neste caso, não se deve excluir a possibilidade de proceder a novas entrevistas, com as mesmas instruções ou com instruções diferentes e com pessoas particulares que se acham em situações sobre as quais se pode pensar que desempenharão um papel revelador e que, assim, esta produção de novos sistemas permitirá a "confirmação".

O esquema se transforma simplificando-se e enriquecendo-se ao mesmo tempo. As "incoerências" devidas à mistura de muitos níveis desaparecem quando se pode reconstituir o "raciocínio" que leva às emergências manifestas.

Teoricamente, a análise não tem fim,⁴⁴ é sempre possível modificar o esquema obtido, prosseguir a interpretação descobrindo novas sobre-interpretações. Encontram-se também aqui analogias com a análise dos mitos tal como a descreve Lévi-Strauss: "A análise mítica aparece então como uma tarefa de Penélope. Cada progresso dá uma nova esperança, suspensa à solução de uma nova dificuldade, o dossiê nunca está fechado"⁴⁵ e "não existe um fim verdadeiro para a análise mítica, não existe unidade secreta que se possa captar ao fim do trabalho de decomposição. Os temas se desdobram ao infinito. Quando se acredita tê-los separado uns dos outros e mantê-los separados, é somente para constatar que eles se soldam de novo, em resposta às solicitações de afinidades imprevistas".⁴⁶ Entretanto, é necessário parar quando se considera que o estado atual do modelo obtido atinge uma certa estabilidade. É sempre possível retomar a análise sobre um outro conjunto de entrevistas obtidas a partir de instruções diferentes ou sobre um conjunto mais amplo.

Como na análise dos mitos, um aumento do *corpus*, isto é, um aumento do número de elementos suscetíveis de serem relacionados, poderia permitir precisar ou completar o esquema.⁴⁷ Com efeito, é

(43) "Eu me apercebi de que tudo o que obtivera por via dedutiva encontrava-se lá, empiricamente realizado. Como uma experiência de laboratório que permite confirmar pela síntese um certo número de hipóteses elaboradas a partir de peças e de pedaços." LÉVI-STRAUSS, C., "Entretien avec Raymond Bellour", *op. cit.*

(44) Assim como se pode considerar que uma entrevista não tem fim.

(45) LÉVI-STRAUSS, C., *Le cru et le cuit*, *op. cit.*, p. 13.

(46) *Ibid.*

(47) "Não colocamos em dúvida, nem por um instante, que a consideração de outros documentos, já surgidos ou a surgirem, afetará nossas interpretações. Algumas delas, prudentemente fornecidas, receberão talvez uma confirmação; outras serão abandonadas ou modificadas. Que isto não seja um obstáculo: em disciplinas como a nossa, o saber científico avança aos tropeços, sob o agulhão da contenção e da dúvida. Ele deixa

verossímil que determinados elementos que poderiam enriquecer o modelo não estejam presentes no material recolhido. Mas a experiência mostra que, em geral, acima de trinta ou quarenta entrevistas, as entrevistas suplementares não trazem informação suficiente que justifique o aumento do *corpus*.

Resta o problema da validade do modelo obtido quando se considera que a análise está concluída. O único critério do qual podemos dispor é constituído pela coerência interna do modelo obtido, sendo dado que todos os elementos do *corpus* devem encontrar lugar no esquema. Reencontra-se aqui a exigência de um tratamento exaustivo do material, exigência esta que é comum a um certo número de técnicas de análise de conteúdo. Na verdade, o que seria deixado de lado, sendo considerado como marginal, poderia aparecer, na seqüência da análise, como tendo um valor central e recolocar em questão o esquema obtido.⁴⁸ No que nos concerne, mesmo considerando que este critério interno é suficiente⁴⁹ para estimar que o modelo obtido é satisfatório e que a análise está concluída, somos favoráveis a que se teste o modelo alcançado valendo-se de métodos diferentes que utilizem um outro material, tal como o que é fornecido por pesquisas quantitativas. Podem-se então estabelecer relações estatísticas e também medir a importância relativa dos fenômenos. O método da entrevista não-diretiva, tanto quanto qualquer outro método, não pode ser um fim em si e bastar-se a si mesmo, é apenas um dos meios dos quais dispomos.

As observações que precedem, concernentes à exigência da análise "clínica", não querem dizer que somos hostis a uma análise mais sistemática e formalizada. Parece simplesmente que a maioria das técnicas de análise de conteúdo, sem limitá-las às descritas por Berelson, não são satisfatórias para a análise das entrevistas não-diretivas.⁵⁰ Pode-se ver a razão disso principalmente no fato de que a interpretação só pode ser aí considerada quando a análise do conteúdo manifesto está concluída. Ao contrário, parece-nos que as entrevistas não-diretivas só podem ser analisadas utilizando um procedimento no qual a interpretação se faz primeiro concomitantemente à análise de cada uma das entrevistadas, estando sempre à escuta do que o indivíduo singular que fala quer dizer. É neste sentido que o tipo de análise proposto por

à metafísica a impaciência do tudo ou nada." LÉVI-STRAUSS, C., *Le cru et le cuit*, op. cit., p. 15.

(48) Cf. FREUD, S., *L'analyse des rêves*, op. cit.

(49) Acrescentemos que uma análise em equipe reduz os riscos de subjetividade em razão da função crítica do *outro* e da interação dos analistas.

(50) Na primeira parte de um livro recente, Marie-Christine d'Unrug faz uma exposição muito completa da problemática e das tendências atuais da análise de conteúdo. Cf. D'UNRUG, M.-C., *Analyse de contenu et acte de parole*, Paris, Editions Universitaires, 1974, 270 p.

Marie-Christine d'Unrug parece-nos interessante.⁵¹ Esta técnica repousa em particular sobre a análise das figuras da antiga retórica utilizada nos discursos obtidos por entrevistas não-diretivas. Ela permite, na verdade, uma sistematização da pesquisa do "raciocínio" subjacente à produção verbal dos entrevistados. Mas o que nos parece dificilmente formalizável é a interpretação propriamente dita que suporia a existência possível de um equivalente da "chave dos sonhos" ou do dicionário da significações.

(Extraído de *Revue Française de Sociologie*, XVI, 1975, p. 229-47.)
Trad. de RUTH JOFFILY DIAS.

(51) "Contrariamente a um preconceito corrente (mesmo em lingüística e em análise de conteúdo), essas figuras não são gratuitas; elas têm um papel estruturante em relação ao discurso cuja forma global determinam. Servem de operadores (ou de transformadores) em sua dinâmica; seu balizamento e sua análise permitem prestar contas das transformações que ocorrem em diferentes níveis. Pensa-se freqüentemente também que os escritores (e só eles) utilizam voluntariamente as figuras, colocando-as a serviço de seu pensamento. Sem tomar partido neste ponto, é necessário sublinhar que elas aparecem no discurso cotidiano e são, com a mesma freqüência, involuntárias e voluntárias. Existe, em suma, *uma retórica espontânea do discurso espontâneo*; é sobre ela que a análise pode se fundar." D'UNRUG, M.-C., *op. cit.*, p. 83.

Observemos que, deste ponto de vista, os lapsos constituem, para nós, uma figura de retórica.